



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CLÁUDIA RODRIGUES PIRES

**IDEALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO NA OBRA IRACEMA DE JOSÉ
DE ALENCAR:**

A simbologia dos personagens Iracema e Martim



ABAETETUBA/PA

2017

CLÁUDIA RODRIGUES PIRES

**IDEALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO NA OBRA IRACEMA DE JOSÉ
DE ALENCAR**

A simbologia dos personagens Iracema e Martim

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, como requisito para obtenção do grau em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa. Sob a orientação do Prof. Garibaldi Nicola Parente.

ABAETETUBA/PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P667i Pires, Cláudia Rodrigues.
Idealização e colonização na obra Iracema de José de Alencar: :
a simbologia dos personagens Iracema e Martim / Cláudia
Rodrigues Pires. — 2017.
31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Esp. Garibaldi Nicola Parente
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Iracema. 2. Martim. 3. Simbologia. 4. Alencar. 5.
Colonização. I. Título.

CDD 869.9

CLÁUDIA RODRIGUES PIRES

**IDEALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO NA OBRA IRACEMA DE JOSÉ DE
ALENCAR**

A simbologia dos personagens Iracema e Martim

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, como requisito para obtenção do grau em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa.

Abaetetuba, ____ de _____ de 2017

Banca Examinadora

Orientador Prof. Garibaldi Nicola Parente

Professor Me. Rinaldo Lobato

ABAETETUBA-PA

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

À minha mãe, pelo que fui, sou e serei.

A minha mãe-irmã Vanessa, pela sua
amizade, carinho e dedicação. Amo vocês
demais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por Ele sempre me guiar pelos caminhos certos, por cada dia da minha vida e pela força e coragem que me tem dado sempre, sem Ele eu nada seria;

À minha irmã Vanessa por estar sempre ao meu lado, me incentivando, por nunca ter deixado eu desistir e principalmente por nesses quatro anos ter me levado e me buscado todos os dias na Universidade. Sem você esse sonho não seria possível;

À minha mãe Roseana por todo o incentivo, por todas as críticas e cobranças, por me ensinar a lutar e a nunca desistir, pela prioridade na minha educação e na dos meus irmãos. Você é uma mãe espetacular;

Ao meu irmão Willian por seu incentivo, estímulo e suas brincadeiras que me fizeram relaxar nos momentos certos;

Ao meu pai e meu irmão Diego, por suas palavras de incentivo;

Às minhas amigas Diana, Maria Orlandina (Teka), Natália, agradeço por todos os momentos de carinho, brigas e sobretudo aprendizado, espero que nossa amizade perpetue por muitos e muitos anos. Vocês estarão sempre em meu coração. Adoro vocês.

À todos os meus colegas de turma, por todos esses quatro anos de amizade e aprendizado. Vocês ficaram marcados para sempre em minhas lembranças.

À todos os meus professores desde o início do Curso, por todo o conhecimento repassado, vocês são incríveis;

Aos professores de literatura Augusto Sarmiento, Garibaldi Parente, Rinaldo Lobato e Benilton Cruz, por fazerem eu me apaixonar ainda mais por literatura e nos mostrar como essa área é incrível, vocês são excepcionais;

Ao meu orientador Garibaldi Parente, por sua colaboração indispensável, sem suas orientações e conselhos este TCC não seria o mesmo;

“O propósito da educação é substituir uma mente vazia por uma aberta”.

Malcom Forbes (1919-1990).



**[...] Além, muito além da serra
Que lá azula no horizonte,
Inventou a donzela insonte,
Símbolo da nossa terra,
E escreveu o que é mais poema
Que romance, e poema menos
Que um mito, melhor que Vênus:
A doce, a meiga Iracema. [...]**

Trecho do Livro Louvações de Manuel Bandeira,
poema em homenagem a Alencar pelo centenário da
publicação do livro Iracema

RESUMO

O presente trabalho tem uma concepção de pesquisa bibliográfica e se focalizará na análise simbólica dos personagens Iracema uma índia guerreira, gentil e forte, e Martim o branco colonizador na obra Iracema do autor José de Alencar. Sendo assim através de uma análise descritiva e interpretativa se verificará quais são as fatores importantes para que estes dois personagens sejam caracterizados como representantes da terra inexplorada e da guerra e destruição respectivamente, com o intuito de compreender a importância de Alencar misturar ficção e história, utilizando dois únicos personagens para demonstrar de maneira romantizada e simbólica, como esse contato entre o índio e o branco durante a colonização brasileira, afetou de maneira definitiva o futuro da população, tanto indígena quanto branca. Para isso se utilizará como base as ideias de Machado de Assis, Alfredo Bosi, Ricupero, Pinto, Antônio Candido, Ribeiro, entre outros.

Palavras-chave: Iracema; Martim; Simbologia; Alencar; Colonização.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
Capítulo I	
1. UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE O ROMANTISMO NO BRASIL	12
2. O INDIANISMO NO BRASIL	13
3. FALANDO UM POUCO SOBRE A OBRA IRACEMA	15
Capítulo II	
4. IRACEMA: COMO REPRESENTANTE SIMBÓLICA DA TERRA	17
5. MARTIM SOARES MORENO: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA “GUERRA” (DESTRUIÇÃO)	19
Capítulo III	
6. MARTIM E POTI: AS FIGURAS HISTÓRICAS DA OBRA	23
7. COLONIZAÇÃO: UM OLHAR ATRAVÉS DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE DE IRACEMA	24
Capítulo IV	
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

No século XIX, a literatura influenciada pelo Movimento Romântico Brasileiro, mas precisamente pela Primeira Geração Romântica, sofreu algumas mudanças. Os escritores passaram a valorizar a liberdade e a pátria, fato que se adequava completamente ao sentimento de um país que acabava de romper com o domínio colonial se tornando independente. Com a Independência do Brasil, surgiu a importância de se ter um herói nacional, os escritores então elegeram o índio, pois ele era uma figura tipicamente brasileira.

Seguindo esse contexto, a obra escolhida foi *Iracema* (1865) do escritor cearense José de Alencar, considerado por muitos um dos mais importantes romancistas brasileiros. Pertencente à primeira geração romântica, essa prosa poética nos apresenta Iracema, uma virgem índia, guerreira e Martim, o guerreiro branco, colonizador e narra uma história de conquista da uma nova terra, de um amor proibido, do primeiro contato entre culturas diferentes, que vem representar uma alegoria do Brasil no início da colonização pelo homem branco.

Este trabalho será dividido em quatro capítulos, no primeiro, será feito uma breve abordagem sobre o romantismo e o indianismo brasileiro, assim como um breve apanhado sobre a obra *Iracema*, para que assim se possa conhecer melhor o momento histórico vivido, a escola literária e a obra escolhida.

Em seguida será abordada a simbologia dos personagens principais Iracema e Martim, realizadas a partir do aspecto comparativo da obra, ou seja, será analisada a relação presente entre a personagem Iracema e a natureza, como também as comparações entre Martim e o deus grego da guerra Marte,

No terceiro capítulo será abordado as figuras históricas presentes na obra, através da mistura de ficção e realidade contida na narrativa, com base nos personagens e momentos históricos. Além de analisar como o sofrimento e morte de Iracema estavam estritamente ligadas a colonização.

E no quarto serão feitas as considerações finais, fazendo um apanhado geral das descobertas e importância da pesquisa.

Com este trabalho será possível, fazer uma contextualização da obra *Iracema*, verificando através da análise como cada personagem se desenvolve,

qual a simbologias contida em Iracema e Martim, quais os valores presentes tanto na obra quanto nos personagens, conhecer um pouco sobre a história do Brasil, assim como compreender melhor a obra de Iracema de José de Alencar.

A relevância deste trabalho poderá contribuir de maneira significativa não só para a literatura do século XIX, como também para a sociedade, pois com ela se esclarece um pouco da importância de se analisar a figura e a representação dos personagens (nesse caso dos dois protagonistas) e como a função e as escolhas de cada um deles na obra, são importantes para entender um pouco sobre o índio, o estrangeiro e a colonização do Brasil.

Capítulo I

1. UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE O ROMANTISMO NO BRASIL

O século XIX foi marcado por acontecimentos históricos que influenciaram de maneira indireta o curso político do Velho e do Novo Mundo. Entre estes está a Revolução Francesa, marco que impulsionou o Movimento Romântico e colocou em cena a nova classe que dominaria aquele período, a burguesia. Esse novo movimento filosófico e literário, denominado Romantismo surgiu na Inglaterra e na Alemanha, para depois se espalhar pela Europa e por fim atingir seu auge no Brasil, fato que aconteceu sobretudo, pela predominância do sentimento de nacionalismo e de independência, pois nessa época, o Brasil ainda era colônia de Portugal.

Após a Independência do Brasil, em 1822, cresceu entre os intelectuais brasileiros, o ideal de nacionalidade, buscava-se o passado histórico, exaltar a natureza, a pátria, assim como o havia o desejo de criar uma literatura, identificada com as raízes históricas do país e do seu povo, com o intuito de diferenciá-la da Literatura Portuguesa. Uma vez que o Romantismo no Brasil floresceu, no momento em que a nação recém independente, buscou alcançar a liberdade em várias áreas distintas, entre estas, está a literatura, pois até neste momento, tudo que era produzido no Brasil era baseado nos modelos europeus, sendo assim, as produções ocorriam em terras brasileiras, mas com os temas totalmente europeizados

O Romantismo no Brasil teve início no século XIX, com a publicação do livro de poemas “Suspiros Poéticos e Saudades”, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, em 1836 e se dividiu em três gerações: a primeira geração foi denominada Indianista e trabalhava os temas do indianismo e do nacionalismo, a segunda Ultrarromântica, marcada pelo extremo pessimismo, subjetivismo, egocentrismo, melancolia, e a terceira geração foi chamada de Condoreira e tinha como marco os temas sociais e políticos. O movimento romântico tinha como características a valorização das emoções (o universo interior é mais importante que a realidade exterior e, por isso, as emoções importam mais que a realidade), a idealização da mulher (bela, casta e virgem),

da pátria (a melhor e mais bela), do índio (guerreiro forte e corajoso), do sonho, da dor e da natureza como formas de fugir da realidade, e negar a razão.

O Romântico Brasileiro rendeu frutos na poesia, na prosa e no teatro. A poesia desse período, atendia, aos ideais pregados no movimento e estava em oposição as formas e temas clássicos. De certa forma a poesia romântica era bastante simples e singela, mas isso ocorria pelo ideal de liberdade, deste período, o poeta romântico estava livre para criar, e não preso às formas fixas e clássicas vigentes no período anterior.

Antônio Candido (1975, p.15) em seu livro *Formação da Literatura Brasileira* destaca que:

O Romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura. Nem é de se espantar que assim fosse, pois sem falar da busca das tradições nacionais e o culto da história, o que o que se chamou em toda a Europa de “despertar das nacionalidades”, em seguida [...] encontrou expressão no Romantismo.

2. O INDIANISMO NO BRASIL

A Primeira Geração Romântica Brasileira, foi denominada indianista e ufanista, ou seja, que supervalorizavam o índio e a pátria, ela destacava-se pela ruptura com os modelos europeus seguidos pelos escritores anteriores e por eles tentarem adaptá-los, de maneira nacionalista, à natureza exótica e selvagem e ao passado histórico do Brasil.

No caso do indianismo, tratando-se de descrever populações de língua e costumes totalmente diversos dos portugueses, podia a convenção poética agir com grande liberdade, criando com certo requinte de fantasia a linguagem e atitude dos personagens (CANDIDO, 1997, p. 103).

“O indianismo dos românticos, porém, preocupou-se sobremaneira em equipará-lo qualitativamente ao conquistador” (IDEM, 1975, (vol. 2) pag. 20).

Os escritores daquela época buscavam para um herói nacional, dentro das três raças que compunham o país: o branco, o negro e o índio. O branco não era uma opção, pois ele representava o estrangeiro (português), o negro tinha descendência da África e naquela época servia de mão de obra escrava, então a sociedade não poderia ter como seu representante um escravo, muito

menos após conseguir a liberdade política, o índio então foi o escolhido, não em detrimento as duas outras raças, mas sim por que ele representava o nativo, a figura tipicamente brasileira, o puro, o natural. A escolha do índio pelos escritores estava ligada ao discurso de Jean-Jacques Rousseau, pensador do século XVIII, que tinha a filosofia de que todo homem nasceria bom, mas seria corrompido pela sociedade, e o índio seria “o bom selvagem”, um ser que não possuía a corrupção trazida pela colonização, portanto, a figura do índio era idealizada pelos escritores, pois possuíam valores heroicos, que os tornavam um modelo da formação do povo brasileiro.

“A estética do romantismo brasileiro tentava justamente definir, para o seu público o amor a liberdade, o apego a terra e aos valores individuais. (...) O tipo foi o índio, o momento a pré-história de nossa verdadeira história”. (PINTO, 1995, pág. 24).

Na retomada desses recursos, o índio passou a ser valorizado positivamente porque recebera as mesmas qualidades dos brancos – sendo visto, portanto como o bom selvagem e a natureza por sua vez continua esplendorosa, mas então compreendida por aquele que a descreve (MARTIM, tese de doutoramento, 2005, pag. 23)

A liberdade era também, um dos ideais pregados nessa época, após a nação está recém desligada de Portugal, o índio então era visto como a figura ideal para compor esse imaginário, o bom selvagem, com seu passado glorioso, a raça tipicamente brasileira, sua força, caráter, liberdade e a defesa dos seus interesses e de seu povo, todas essas características fizeram com que o índio se torna-se o herói ideal, o típico herói nacional.

Se o problema principal dos brasileiros depois da independência era se pensarem como brasileiros e não mais como portugueses (...), o índio, ou ao menos, a ideia que se decide fazer dele, lhes oferece, para isso, múltiplas possibilidades. (RICUPERO, 2004, pág. 153).

Neste sentido, José de Alencar aparece na literatura brasileira como o consolidador do romance, realizando, na prosa de ficção, sobretudo em romances como O Guarani e Iracema, a tendência nacionalista que vinha sendo reclamada pela crítica. Esse escritor teve como característica marcante o nacionalismo, tanto nos temas quanto nas inovações no uso da língua portuguesa, criando um linguajar que refletisse os modismos sintáticos e vocábulos brasileiros. A sua preocupação em retratar a sua terra e o seu povo foi tão grande que muitas das páginas dos seus livros relatam lendas, mitos,

tradições, costumes e festas religiosas observados pessoalmente por ele (nas várias viagens que fez pelo interior e pelas cidades).

Na obra *Iracema*, o autor idealiza toda uma nação, contando através da personagem indígena, todo o processo de colonização do Estado do Ceará, local em que se passa a narrativa, sua terra natal, onde o mesmo vai relatar as consequências desastrosas desse processo de colonização.

3. FALANDO UM POUCO SOBRE A OBRA IRACEMA

A obra *Iracema* de José de Alencar, narra a história de uma índia que se apaixona pelo guerreiro branco, durante a colonização do Ceará, em um romance repleto de significações, com uma linguagem poética e ritmada. O nome da protagonista é construído a partir das palavras tupi-guarani Ira (mel) e ceme (lábios), por isso a índia também é conhecida como a virgem dos lábios de mel. Alencar descreveu em *Iracema* uma belíssima heroína indígena que com toda sua força e coragem renunciou sua família, religião, cultura e a sua tribo para viver seu intenso amor proibido, junto ao colonizador Martim.

Antônio Candido em 1997, afirmou que:

Iracema, em 1865, brota no limite da poesia, como o exemplar mais perfeito da obra poética na ficção romântica - realizando o ideal tão acariciado de integrar a expressão literária numa ordem mais plena de evocação plástica e musical. Música figurativa, ao gosto do tempo e do meio. (CANDIDO, 1997, p.200)

A narrativa é considerada um poema em prosa e Machado de Assis, aos 27 anos, escreveu sobre *Iracema* no Diário do Rio de Janeiro, em 1866:

Tal é o livro do Sr. José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência... Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro... Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima. Como obra prima do futuro há de viver e temos fé de que será lida e apreciada. (ASSIS, 1866)

Alencar caracteriza sua obra como “Lenda”, no primeiro capítulo do livro o escritor diz que ela é “Uma história que me contaram...” como também que a obra é irmã de *Ubirajara*: “Chamo-o de lenda como ao outro”. A narrativa leva o subtítulo de “Lenda do Ceará”,

Com a obra *Iracema*, Alencar cumpriu seu objetivo de “abrasileirar” a literatura, pois o ponto forte dessa obra é formação da nova sociedade brasileira. Podemos perceber esse aspecto por diversos fatores, mais principalmente pela escolha do espaço, do contexto, dos personagens e até da linguagem diferente utilizada por Alencar. A narrativa é um excelente exemplo das mudanças tão desejadas pelos escritores da época, nela Alencar retrata sua terra natal no seu processo de colonização, coloca o índio e a sua diferente cultura como tema, fazendo assim uma retratação clara do homem originalmente brasileiro.

Na obra podemos encontrar uma mistura de prosa e poesia (pela forma como é escrita), de História e ficção (pela existência de personagens e momentos históricos como Martim e Poti envolvidos com personagens ficcionais como Iracema e a colonização), de amor, paixão e ódio (entre Iracema, Martim e Irapuã), de vida e morte (de Iracema) entre outros aspectos.

A obra tem como ponto forte o primeiro contato do índio com a civilização portuguesa e mostra um grande sentimento de nacionalidade, presente nas características da natureza e dos personagens, principalmente a protagonista que é uma índia. O relacionamento de Iracema e Martim vem nos mostrar o processo de conquista, colonização e miscigenação do país.

Capítulo II

4. IRACEMA: COMO REPRESENTANTE SIMBÓLICA DA TERRA

A condição da mulher nos romances brasileiros do século XIX, quase sempre estava ligada ao seu contexto histórico, a situação econômica e social vivenciada e principalmente ao tema tratado na obra, fato este que marca profundamente as personagens das narrativas.

Quando se tem oportunidade de ler a obra “Iracema”, percebemos a infinidade de representações simbólicas vistas através das metáforas e comparações, que a personagem principal que dá nome a obra possui. Como também percebemos que essas metáforas e comparações não são feitas sem nenhum objetivo, mas sim relacionadas a tornar à personagem totalmente idealizada.

Iracema, é o sexto romance de Alencar e faz o cruzamento de duas tendências do autor: a primeira é a paixão, amor e morte da personagem feminina e a segunda é de acordo com Ribeiro (1996, p.217), “...sem dúvida, o mais belo exemplar de que dispomos da chamada literatura indianista.”

José de Alencar destinou a personagem feminina Iracema o papel da representação da identidade nacional. Aquela que viria representar a terra, afinal ela era a índia, esposa, mãe e responsável por todo o equilíbrio e harmonia, presentes em sua tribo, e é justamente esse equilíbrio que os escritores daquela época, inclusive Alencar buscavam poetizar. Podemos observar que José de Alencar faz uma constante comparação entre as características físicas da personagem Iracema com os elementos da fauna e da flora da natureza americana, nos mostrando dessa forma a busca constante do elemento nacional na figura indígena.

“Em Iracema, Alencar trabalhava imagens, sobretudo a comparação que estabelece analogias entre o homem e os fenômenos da vida animal, vegetal da natureza enfim.” (PINTO, 1995, p. 55)

A descrição da personagem não corresponde ao real, mas sim a uma idealização que faz parte do nacionalismo onde as características do índio se misturam e se entrelaçam tão profundamente com a natureza que acabam por

se tornar ela própria. A índia Iracema sempre tem suas características físicas comparadas com a natureza, porém sempre ocupa um lugar muito superior a esta, percebemos isto através dos advérbios de intensidade usados por Alencar: “mais”, “tão”, eles funcionam como recursos estilísticos que sobrepõem a índia a natureza. Como podemos ver nos trechos:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era tão doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. (ALENCAR, 1991, cap. II, p. 8)

Nesses trechos da obra está clara a idealização da personagem, segundo a descrição de Alencar, a índia é uma figura superior a natureza e aos animais, característica típica do romantismo, como nos afirma Ribeiro (2008)

Num sistema contínuo de comparações, a personagem é fundida e confundida com a própria natureza americana, num movimento característico de nosso romantismo que, em geral, sobrepunha ao conceito de paisagem. (RIBEIRO, 2008, p.226)

Na obra Iracema, a figura da mulher está relacionada a representação da Terra e da Pátria, nos mostrando assim como esse ideal de nacionalismo está enraizado em Alencar. A personagem é responsável por trazer à tona o nacionalismo, ela era a terra virgem prestes a ser colonizada, era a índia gentil, a esposa e mais tarde a mãe que se sacrifica por amor.

Podemos dizer que a personagem nasceu da própria terra americana, pois a mãe de Iracema não é mencionada em nenhum momento da obra, então ela vai sendo constituída da própria natureza, como afirma o trecho da obra: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema” (ALENCAR, 1991, p.10).

A índia é a personagem central da obra. Em tupi-guarani, Iracema significa lábios de mel, ela era a virgem prometida a Tupã, o deus maior dos índios, ou seja, ela não poderia perder a virgindade, fato que aconteceu quando ela se envolveu com Martim e gerou consequências irreparáveis, já previstas por Araquém.

Dentre todas as personagens do escritor cearense Iracema é a única que atinge a maternidade, envolta de um mito de sacrifício, pois podemos notar que da mesma forma que a pátria é exaltada através da figura da índia Iracema, é por meio dela que José de Alencar prevê o fim da raça indígena, pois a protagonista ao final da obra morre para que seu filho Moacir (filho da dor), o mestiço, fruto do seu envolvimento com o guerreiro branco Martim, representante da mistura das raças, da origem do novo povo, venha a nascer. O nascimento de Moacir acontece no momento em que ocorria a guerra entre os povos e à custa do sofrimento e solidão da personagem feminina, do seu filho Moacir e de toda a tribo. Essa morte e esse sofrimento correspondem ao castigo previsto por Araquém, desde o início da narrativa. Segundo Alfredo Bosi em *Dialética da Colonização*:

[...] o risco do sofrimento e morte é aceito pelo selvagem sem qualquer hesitação, como se sua atitude devota para com o branco representasse o cumprimento dum destino, que Alencar apresenta em termos heroicos e idílicos. (1992, p. 164)

Se formos olhar através de uma perspectiva mítica, Iracema é a melhor metáfora do surgimento do Ceará, por meio da qual se entende a exuberância e a tristeza que passou a personagem principal e o povo colonizado. Iracema representa o amor e a abnegação, pois ela largou tudo para viver o seu grande amor com Martim e com isso acabou sofrendo e morrendo.

Portanto, está claro que a personagem Iracema não é só uma simples índia tabajara, ela com toda certeza está muito além disso, representando de maneira fiel e excelente o continente americano que está sendo colonizado, relatando os conflitos, o sofrimento e a formação de uma nova sociedade.

5. MARTIM SOARES MORENO: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA “GUERRA” (DESTRUIÇÃO)

O personagem Martim Soares Moreno, foi baseado em uma figura histórica real (Martim Soares Moreno, o primeiro colonizador português do Ceará), na obra seu personagem leva até os índios uma cultura civilizada e a fé cristã.

Ao analisarmos minuciosamente o personagem Martim, perceberemos que ele é descrito como um personagem forte por Alencar:

“Martim que na tua língua quer dizer filho de guerreiro.” [...] “Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo.” [...] “Os guerreiros de meu sangue, chefe, jamais recusaram combate” (ALENCAR, 1991, p. 8, 15 e 19).

O colonizador assim como Iracema era descrito em comparação a alguns elementos como o sol, o mar e a areia, como ocorre no trecho: “Tinha nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas, os cabelos do sol.” (IDEM, cap. II, p.8,)

Como também a significação do seu nome que vem do “latim *Martinus*, ‘homem marcial, belicoso, guerreiro’”, e a relação do seu nome com o deus grego da guerra Marte, ou seja, ele levará guerras e destruição por onde passar, Martim então é o símbolo da energia masculina, destruidora, conquistadora, bélica, sugerindo-nos o poderio do colonizador português. Vejamos o que diz Manfred Lurker em seu Dicionário de Simbologia (2003, p. 422):

[...] Na Astrologia [Marte] era considerado essência e símbolo cósmico do ainda hoje assim denominado ser “marcial” (agressividade, agudeza, dinamismo), provavelmente devido a seu brilho avermelhado ferruginoso [...] e seu aparente movimento retrógrado, dando a idéia de movimento autônomo. Na tradição astrológica Marte é considerado astro ameaçador (cf. “Marte rege a hora” no Wallenstein, de Schiller). Suas correspondências terrestres são, entre os homens, os violentos, os soldados e os carrascos; lobos, raposas e lincos entre os animais. [...] A vesícula e órgãos genitais masculinos são atribuídos a Marte na medicina astrológica. Na Alquimia, a contrapartida de Marte é o ferro. (LURKER, 2003, apud, FORTE, 2008, p.9).

Sendo assim, o guerreiro branco Martim, na obra representará o homem que trouxe admiração, amor e desgraça, não só para Iracema, mas também para as tribos indígenas que habitavam a área a ser explorada pelos colonizadores.

Martim, guerreava contra a tribo de sua esposa, deixando-a sempre sozinha e sem apresentar nenhum remorso, enquanto isso, Iracema sofria tanto por sua distância, quanto pelas suas perdas e mortes dos seus irmãos de tribo

A maneira que o cearense José de Alencar descreve o primeiro contato da índia tabajara Iracema com o homem branco, nos faz refletir sobre a forma com que o continente começou a ser colonizado pelos estrangeiros:

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulhavam na face do desconhecido [...] Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada. [...] – Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema. (ALENCAR, 1991, p. 8 e 9).

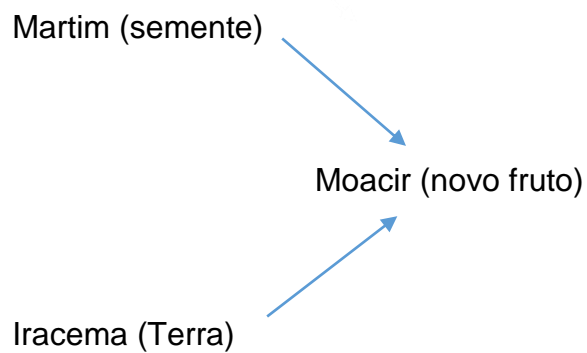
Neste trecho da obra fica claro, como a índia reagiu ao branco-colonizador, por extinto natural assustou-se e logo depois mostrou-se vulnerável a ele, rendendo-se aos encantos do branco. Conforme sintetiza Ribeiro (2008, p.225):

O co-protagonista Martim - um português, branco e colonizador – invade o espaço físico, cultural e nacional de Iracema – uma brasileira, indígena e colonizável – para aí levar a língua, a cultura e a dominação branca. (RIBEIRO, 2008, p.225)

Quando Martim encontra Iracema desperta nela curiosidade e fascínio, a figura do guerreiro branco seduz Iracema, mas essa não é uma sedução intencional, e sim uma sedução digamos que natural, fruto do impacto com o desconhecido, ele traz a índia o amor e a desgraça. A presença de Martim vai romper a tranquilidade em que a índia vivia com sua tribo, o sofrimento e morte de Iracema estão estritamente ligados as guerras, a dor e as mortes que aconteceram em sua tribo, devido a colonização.

Os personagens principais da obra Iracema e Martim, são a alegoria da representação simbólica da formação da nação brasileira. Podemos afirmar isso se tomarmos a figura de Martin como o deus Marte e Iracema como a América Selvagem, a união entre os dois simbolizará não só o primeiro encontro do índio com branco, como também a fusão entre duas raças, culturas e religiões diferentes. Pois quando a índia Iracema entrega-se ao branco colonizador, ela está automaticamente rompendo com os laços sagrados de sua tribo, sendo assim, está saindo da esfera mítica, para entrar na esfera da história. E dessa união do homem branco com a índia, surgirá a nação brasileira, representada alegoricamente, pelo filho do casal, Moacir ("filho da dor"). Ou seja, Martim e Iracema irão representar juntos uma alegoria da terra e da semente respectivamente, uma vez que o branco fez germinar o

novo fruto em Iracema. O nascimento de Moacir representa o surgimento de uma nova sociedade, onde há a mistura dos dois povos de culturas diferentes.



Moacir simboliza o primeiro homem autenticamente brasileiro, nascido da miscigenação índio X português. Alencar nos mostrou de maneira poética que a sedução do guerreiro branco Martim foi tão forte que arrancou a virgem dos lábios de mel de seu povo, fazendo dessa forma, com que eles iniciassem uma nova geração com a vinda de Moacir, que irá representar, o mestiço, o primeiro brasileiro, fruto do velho e do novo mundo.

6. MARTIM E POTI: AS FIGURAS HISTÓRICAS DA OBRA

Martim Soares Moreno e Antônio Felipe Camarão, (o índio Poti), eram duas figuras bastante conhecidas, historicamente falando, antes de Alencar incluí-los em sua obra *Iracema*.

Moreno, nasceu em 1586 em Portugal, chegou ao Brasil com pouco mais de 16 anos de idade. No final de 1611, foi nomeado capitão e, mais tarde, capitão-mor do Siará (ou Seara), nome originado do tupi-guarani dos índios tabajaras ou potiguaras, que lá habitavam.

O colonizador permaneceu nas terras cearenses até 1631, depois cansado de apelar às autoridades lusas pela falta de recursos, pela viabilização da colonização, e pela falta de atenção da metrópole, deixou o Ceará. Historicamente, Martim Soares Moreno participou das lutas contra os holandeses e franceses que invadiram o Nordeste brasileiro. Após isso nunca mais retornou ao Ceará, mesmo assim Moreno é lembrado não só por ser considerado por parte da historiografia como o fundador do Ceará, mas também por Alencar o ter tornado um dos personagens principais de sua obra *Iracema*.

O personagem histórico Martim Soares Moreno, é mergulhado na ficção da obra *Iracema* e surge como o guerreiro branco aliado a tribo dos índios pitiguaras, que provoca fascínio em Iracema, ira em Irapuã e medo tanto na tribo, quanto em Araquém que teme pelo futuro da filha.

Todos esses sentimentos contraditórios que os índios nutriram com a chegada dos desconhecidos habitantes do velho mundo, representam a desconfiança, o medo do diferente, que os índios enfrentaram durante a colonização.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. [...] – Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus. (ALENCAR, 1991, p. 8 e 9)

Além de Martim existe a presença do personagem histórico Antônio Felipe Camarão, que nasceu no Rio Grande do Norte, no ano de 1591. O índio "Poti", da tribo dos pitiguaras, foi batizado pelo padre Dionísio Nunes com o nome cristão de Antônio, o nome Felipe do rei a quem iria servir e Camarão que era seu próprio nome traduzido do tupi-guarani para o português. Historicamente, participou, ao lado dos portugueses, da guerra contra os invasores holandeses, com a patente de capitão-mor dos índios. Em 1633 recebeu do rei Filipe IV da Espanha, a patente de "Capitão Mor dos índios".

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração. Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz. (ALENCAR, 1991, p. 73)

Em Iracema, Poti simboliza a amizade sincera e inquebrantável. “- Como a cobra tem duas cabeças em um só corpo, assim é a amizade de Coatiabo e Poti.” (IDEM, 1991, p. 56)

O escritor cearense se propôs a escrever não uma obra histórica, apesar dos personagens e dos fatos que coincidem com a realidade, mas sim uma claramente literária, percebemos isso ao lermos o subtítulo da obra dado por Alencar de Lenda do Ceará.

A história da conquista do Ceará, os confrontos entre as tribos indígenas, sendo os pitiguaras (habitantes do litoral) amigos dos portugueses e os tabajaras (habitantes das serras cearenses) amigos dos franceses, Martim que é português e colonizador, e seu amigo Poti que, mais tarde, vai se tornar o capitão-mor dos índios, são alguns acontecimentos e personagens que aparecem em documentos históricos e também na narrativa. Logo, coexistem com os personagens ficcionais, porém, a parte dominante da obra é a da ficção, tendo em conta a justificativa dada pelo narrador de alguns espaços presentes na narrativa.

7. COLONIZAÇÃO: UM OLHAR ATRAVÉS DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE DE IRACEMA.

Iracema é uma personagem que possui um grande valor simbólico, durante toda a narrativa ela é descrita de forma idealizada, configurando assim

uma típica heroína romântica. Mas ao longo da obra percebemos como a índia adquire uma personalidade submissa e vai sendo moldada à cultura branca, pois ela abre mão de seu povo, sua religião e sua cultura, por Martim, fato que mais tarde a leva a morte. Segundo Machado de Assis, em seu ensaio *Instinto de Nacionalidade*:

A índia não resiste, nem indaga: desde que os olhos de Martim se trocaram com os seus, a moça curvou a cabeça àquela doce escravidão. (ASSIS.1992, p.179, apud MAGALHÃES e SANTOS, 2011, p.11).

A morte da personagem pressupõe o nascimento de uma nova nação (representada por Moacir) que acontece mediante do sacrifício/morte da terra brasileira que antes da chegada do europeu, era virgem, pura e selvagem. O branco foi o elemento que contribuiu para a mestiçagem da América. O sacrifício de Iracema, personagem que simboliza a terra brasileira, representa a decadência da sua vida, do seu povo e a morte da própria pátria que ela representa.

A construção da identidade nacional em Iracema é marcada pelo seu sacrifício ao dar à luz a seu filho Moacir. Pois a palavra sacrifício implica em sofrimento, não só o de Iracema, como também de Martim e sua tribo. É o que aponta Bosi em *Dialética da Colonização* (1992): “[...] a entrega do índio ao branco é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença à tribo de origem. Uma partida sem retorno.”

“— Como a ostra que não deixa o rochedo, ainda depois de morta, assim é Iracema junto a seu esposo.” (ALENCAR, 1991, p. 56)

Ou seja, toda a dor, o sofrimento, o sacrifício pelo nascimento de Moacir e a morte da personagem, estão diretamente ligados a colonização, que trouxe consigo as guerras, e as mortes que aconteceram nas tribos. A morte de Iracema irá representar a população indígena que foi dizimada e sofreu aculturação.

Alencar nos mostra através da protagonista, a dura realidade do povo indígena e do combate que se travou naquele momento. Percebe-se assim traços da aculturação, onde o “Novo Mundo” descoberto está se curvando ao “Velho Mundo Europeu”, como se o “Velho Mundo” tivesse mais valor e posse

das terras recém descobertas, uma cultura se sobrepondo à outra. Segundo Bosi (2000):

O processo de colonização brasileira passou pelo prisma da povoação colonizadora sobre as terras recém descobertas e como consequência sua sobreposição sobre os nativos aqui residentes. Essa sobreposição se dá tanto fisicamente como culturalmente, dado que todo relacionamento se estabeleceu sobre a égide da metrópole europeia. (BOSI, 2000, apud, MAGALHÃES e SANTOS, 2011)

Percebemos assim, que a narrativa nos mostrou um sacrifício, da índia guerreira que abriu mão de sua vida, por amor ao colonizador e pelo nascimento de seu filho Moacir.

Segundo Moreira (2010, p. 134): “Entroncando aqui a noção de mito sacrificial, a índia morre, sacrifica-se em favor do outro, deixa seu fruto, o pequeno mestiço, e ao final, o português sai vencedor, vivo e pronto para colonizar e cristianizar estas terras”.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Iracema, Alencar buscou representar nossa terra, história e identidade, como também o primeiro encontro do índio com o branco, através de sua personagem indígena de mesmo nome da obra.

Com base nos dados apresentados, é possível apontar algumas considerações. Inicialmente observa-se que a personagem Iracema é descrita sempre em comparação com a natureza ou animais. Essas descrições são feitas de forma a mostrar a superioridade desta em relação à natureza, já Martim é descrito em comparação ao mar e ao deus Marte, e representa o novo, o desconhecido, o colonizador.

Ao criar uma personagem feminina idealizada, índia, corajosa, protagonista da história, com uma beleza que se confunde à natureza, e um personagem masculino co-protagonista, forte, guerreiro, corajoso, que desperta o fascínio da índia, Alencar nos oferece um romance com muitas das características do romantismo e principalmente do indianismo, com a forte presença da exaltação da nacionalidade brasileira. Pois Iracema é uma índia típica heroína da primeira geração romântica, que ama incondicionalmente, que sofre por esse amor, e é capaz de se sacrificar tanto pelo filho quanto por seu amado.

Martim e Poti foram duas figuras históricas, que deram a obra um caráter historiográfico, apesar dela ser predominantemente ficcional. Alencar fez de sua obra uma mistura de ficção e realidade, para retratar como teria sido a colonização das terras onde mais tarde viria a ser tornar o Ceará, sua terra natal.

A protagonista Iracema, retrata a América virgem e o sofrimento que o seu povo passou, durante a colonização, onde os ideais dos índios foram esmagados prevalecendo os ideais europeus. Na obra também está presente o mito fundador, de como surgiu o Ceará e o primeiro mestiço Moacir, fruto da miscigenação da índia com o europeu.

Diante disso, é notável como Iracema, é uma obra prima, que possui um caráter plurissignificativo. A narrativa nos mostra como José de Alencar, é um romancista e indianista por excelência, ele inicia a obra narrando a exuberância tanto da índia quanto da natureza, onde percebe-se uma forte exaltação destes. As terras brasileiras são apresentadas com todo o esplendor da Primeira Geração Romântica, onde há a idealização da pátria, nela o mar brilha como esmeralda aos raios de sol, existem praias alvas ensombradas de coqueiros e esta mesma terra também contém florestas grandes, densas e tropicais onde habitam povos de caráter nobre e puro.

Por isso, essa obra é de grande importância para construção da literatura brasileira, pois além de mostrar a tentativa de Alencar em colocar na narrativa a “brasilidade”, tanto almejado pelos escritores do século XIX, mostra também a de maneira ficcional e romantizada um pouco da história do Brasil.

O guerreiro branco Martim Soares Moreno e a virgem dos lábios de mel Iracema, são os personagens que possuem na obra uma grande história lendária, que se assemelha a história real das tribos indígenas, que tiveram suas terras “desbravadas” pela violência e construídas mediante o domínio português.

A índia Iracema e o colonizador são, sem dúvida alguma, parte integrante do imaginário do povo cearense, que veem neles a representação da beleza, da sensualidade e do amor incondicional da mulher por seu filho e esposo, como também a força, a coragem e a importância do colonizador para a história da região.

A protagonista Iracema, sem dúvida nenhuma representou a mulher forte, a esposa dedicada e sobretudo uma grande mãe, não só de Moacir, mas de todo o povo brasileiro. Ela é aquela que largou tudo para viver seu amor com Martim, que sofreu em silêncio e deu sua vida por seu filho. Iracema para muitas mulheres cearenses e brasileiras é um grande exemplo de mulher e mãe que não mede esforços quando se trata das pessoas que ama, não importando as consequências. "A virgem dos lábios de mel" se tornou um ícone cultural de Fortaleza-CE, onde aparece em pelo menos 5 estátuas ou monumentos. E até hoje mantém-se como representante da beleza, da força,

da sensualidade, da ousadia, da mãe amorosa e do amor incondicional, não só para os cearenses, mas também para uma grande parte do povo brasileiro.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24 ed., São Paulo: Ática, 1991. (Bom Livro).

ASSIS, Machado de. Crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 – 34: **Instinto de nacionalidade**. (1ª ed. 1873).

BARBOSA, Girlene Pereira. **A busca da identidade nacional em Alencar**. Guarabira-PB, 2012.

BOSI, Alfredo. **A escravidão entre dois liberalismos**. In: **Dialética da colonização**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Alfredo_Bosi_Dialetica_da_Colonizacao.pdf

_____. **Colônia, culto e cultura**. In: **Dialética da colonização**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **“Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar”**. In: **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp.176 ss.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf>

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. 7.ed. Vol. 1. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia [s.a], p. 202.

COSTA, Marina Morena. **Livro mistura elementos indígenas mitológicos com históricos em busca da formação de uma identidade nacional**. São Paulo, 2007 Novos Estudos – CEBRAP, ISSN 0101-3300

ENTRELACES. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras — Literatura Brasileira da Universidade Federal Do Ceará**. Nº 2 • agosto de 2008. Disponível em: <http://www.entrelaces.ufc.br/>

FARIAS, Airton de. **História do Ceará / Airton de Farias**. Fortaleza: Edições Livro Técnico 2009. – 5ª edição.

FORTE, Sarah. **A Sedução do Estrangeiro e a Construção da Identidade Nacional: Iracema, Lenda do Ceará, de José De Alencar**. Revista Entrelaces 2, Agosto de 2008, p.3. Disponível em: <http://www.entrelaces.ufc.br/>

LEAL, Tito Barros. **Iracema, para além das expectativas. Ficcionalização da História em José de Alencar**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 4 Nº 7, Julho de 2012 © 2012 by RBHCS. (p. 60 a 71)

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. Trad.: Mario Krauss, Vera Barkow. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.422.

MAGALHÃES, CLARO. Epaminondas de Matos, Larissa Santos. **A Construção do Eu e do Outro na Obra Iracema, de José de Alencar**.

Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2011) nº. 6 p. 7-11 ISSN 1984-431X

MOREIRA, Viviane Pinto. Mito e Literatura: Academia Cearense de Letras. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. **Um fabulador da nacionalidade de José de Alencar**. Sitientibus, Feira de Santana, n. 14, p.95-122, 1996

PINTO, Maria Cecília de Moraes. **A vida selvagem: paralelo entre Chateaubriand e Alencar**. SP: EDUSP/ CAPES, 1995.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de papel: um estudo imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca nacional, 2008

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação do Brasil**. (1830-1870), São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção temas brasileiros)

SILVEIRA, Cássio. **Iracema e a graciosa ará as metáforas e comparações entre personagens e natureza em Iracema**, São Paulo, 2009

TAVARES, Zenaida de Jesus Augusto Évora. **Iracema, o paraíso indígena e a formação da brasilidade**, Praia, 2008